

sessões do
MAGINARIO

ano XVI | n26 | 2011/2

**CENTRE FOR
CULTURE AND
TECHNOLOGY**



5

Entrevista com

FEDERICO CASALEGNO

Entrevista: Ana Cecília Nunes¹

Tradução: Ana Cecília Nunes



Diretor do Mobile Experience Lab do MIT, Federico Casalegno, pesquisa o impacto das tecnologias digitais em rede sobre o comportamento humano e a sociedade. Enquanto professor e pesquisador, lidera projetos que desenvolvem mídias interativas para conectar informações, pessoas e espaço físico.

Doutor em Sociologia da Cultura e Comunicação pela Université René

Sessões do Imaginário: O Imaginário atua sobre as práticas sociais – bem como sobre os meios e as mensagens – que, por sua vez, o nutrem, num processo de retroalimentação. Em sua opinião, há uma prevalência nessa relação?

Federico Casalegno: Eu diria que não se pode separar mídia e imaginário. Não se pode dividir grupos sociais, comunidades, humanos, indivíduos, do imaginário, assim como de nenhuma ferramenta que os ajuda a se expressarem, a reconhecerem seus próprios pensamentos. Eles participam em um círculo de criação de imaginários coletivos, sendo reconhecidos neste imaginário social coletivo e o criando ao mesmo tempo. Penso que existe um processo contínuo: em que um cria o outro, e é virtualmente cíclico, um dando suporte ao outro.

O que é interessante, agora, é que o fenômeno de produção de imagens e conteúdo está se tornando mais e mais global. Ele vai direto do topo para a base da pirâmide. Assim, existem ao mesmo tempo uma força global e uma força coletiva que estão se expandindo. Cada usuário que está utilizando algum tipo de dispositivo digital para postar e produzir conteúdo multimídia, que é imediatamente compartilhado

Descartes, Paris V, Sorbonne, fez sua tese com foco na interação social nas comunidades em rede e na comunicação mediada pelos dispositivos móveis. Em visita à FAMECOS para o XI Seminário Internacional da Comunicação, concedeu entrevista à Sessões do Imaginário, antes de sua palestra sobre “O Lugar Experimental”.

online ou através de redes, irá tornar isso parte do imaginário. Este é um processo muito rico e interessante.

SI: Como pensar a imagem a partir da lógica das tecnologias da informação e comunicação contemporânea? A escrita ainda terá seu espaço, sendo a imagem técnica um modo muito difundido de experienciar o mundo?

FC: Imagens têm sido sempre algo chave. Desde as sociedades primitivas, os humanos, em comunidades, sempre se reuniram em torno de imagens. Imagens icônicas são muito interessantes e poderosas, e existe muita pesquisa em torno disso. As razões pelas quais elas são tão poderosas se devem ao fato de que, basicamente, elas suscitam e provocam respostas emocionais, e não racionais. Sendo assim, não é possível controlar a imagem.

Eu penso que toda tecnologia evolui: a forma como nós escrevemos hoje, a forma como nós falamos hoje, é muito diferente daquela de cem ou mil anos atrás, então existe uma evolução. A forma como as técnicas de escrita estão efetivamente evoluindo, hoje em dia, com telefones celulares e redes sociais, é muito

interessante. As pessoas estão começando a escrever de maneiras bem diferentes. A extensão é bem diferente, o conteúdo também – como as pessoas escrevem, ou para quem escrevem. Existe uma evolução acontecendo diante dos nossos olhos, e que é muito importante. Eu diria que cada nova tecnologia veio para se somar com os papéis das tecnologias e das mídias pré-existentes, enriquecendo-os. Assim, existe um ecossistema que pensou uma mudança de interação sistemática e virtuosa, constantemente guiada pelo ser humano.

SI: Mas você acha que a língua escrita manterá seu espaço, o lugar que ela ocupa hoje, ou que ela teve no passado?

FC: Não. Antes, não tínhamos smartphones, não tínhamos televisão, não tínhamos a habilidade de imprimir livros. No passado, poucas pessoas, como os escrivães, tinham a habilidade de ler e escrever. Então a forma como as pessoas acessam novas tecnologias de certa forma muda com o passar do tempo. Assim, estes tipos de mudança definitivamente existem.

SI: Hoje, as mensagens são incontáveis, as tecnologias cada vez mais aperfeiçoadas, os receptores cada vez mais heterogêneos. Como fazer coabitar tudo isso? Como lidar com a acomodação gerada pela naturalização das tecnologias? Ou seja, as tecnologias estão por toda parte, assim como as mensagens. Como podemos lidar com isso?

FC: Neste sentido existem duas direções: uma é bem sofisticada, a inteligência artificial. A outra é mais centrada no ser humano. Existe muita coisa nesta área de aplicações inteligentes e inteligência artificial que, baseada nas suas informações entregam conteúdo onde você está, com base no instante, nas suas preferências, na

sua localização, ou nas redes sociais. Assim, isso está resultando em mais e mais informações personalizadas para o usuário.

Quanto ao lado humano disso, a parte não tecnológica, é o que devemos aprender a administrar. Nós ainda somos crianças com vários brinquedos à volta, sem saber o que fazer com eles. Por exemplo, quando você está almoçando com uma boa companhia, você pode receber uma ligação ou responder uma mensagem de texto, o que talvez não seja realmente apropriado, porque você perde o prazer de estar naquele momento. Mas você tem uma reação quase esquizofrênica com a tecnologia, e isto lhe dá alguns estímulos. É como uma reação instintiva, você atende ao telefone, e responde à ligação, ao invés de aproveitar o momento. Então nós precisamos entender como lidar com todos esses inputs tecnológicos, para podermos customizar e personalizar todos os elementos para o resto da vida.

Existem muitos problemas relacionados a isso, como a diferença entre espaços sociais, de família e de negócios. Por exemplo, você vai para a casa e lá trabalha, e assim não aproveita a sua família. Então você vai para o trabalho, e passa o seu tempo utilizando o Facebook, postando informações para os amigos. Como as pessoas podem misturar lugares e tecnologias, de uma forma que se possa aprender a lidar com elas? A revolução tecnológica atualmente é algo que acontece muito rápido. Assim, a velocidade da tecnologia é bem diferente da velocidade humana, o que cria uma tensão.

SI: No contexto atual, como pensar na intervenção das tecnologias de comunicação e informação na configuração da sociabilidade cotidiana?

FC: Se olharmos o lado positivo, veremos que a forma como as pessoas acessam as tecnologias hoje é mais ampla e mais rápida do que antes. Cada vez mais pessoas têm a oportunidade de escrever, de participar em ações coletivas, de acessar conhecimentos e informações. A acessibilidade à tecnologia é uma das questões. Além disso, o conhecimento, as habilidades e a educação necessária para utilizar a tecnologia estão todos convergindo para uma mesma direção, se tornando cada vez mais fáceis de atingir. É muito difícil aprender a ler e a escrever, mas se você colocar uma criança de dois anos na frente de um iPad, ela saberá como navegar por informações complexas. Então, acessibilidade é uma coisa, educação é outra, mas a forma como as pessoas sedimentam este conhecimento, usam este conhecimento, é algo totalmente diferente. Esta é a verdadeira mudança.

SI: A evolução tecnológica propiciou que tenhamos, hoje, meios de comunicação pessoais e personalizados, com possibilidades de interação com áudio, vídeo e texto (como smartphones, tablets, computadores). Seriam, estes meios, ainda mais “extensões do homem” do que o eram os meios de massa? Na sua visão, em que medida são eles “extensões do homem”?

FC: Eu seria mais provocativo. Nós estamos falando sobre mídias mais antigas, como smartphones, mas e se você pensar em inteligência incorporada no ambiente urbano, se pensar em outras tecnologias sofisticadas como microchips e eletrônicos que começaram a invadir cada objeto (a chamada Internet das coisas), ou em como os objetos do dia-a-dia podem ser aprimorados com alguma conectividade e com alguma tecnologia? Temos que pensar que não é somente em mídias como

iPhones e iPads que isto acontece. Temos que pensar que há realmente uma mescla entre os ambientes físicos e a esfera digital, eletrônica.

SI: Você acha, então, que estes aparelhos estão mais presentes em nossas vidas do que a televisão jamais esteve?

FC: Claro que eles estão mais presentes. Eles estão invadindo nosso corpo, nossos objetos, e eu não digo invadir em um sentido negativo. A televisão ficava na sala de estar. Porém, ainda antes da televisão, se assistia a vídeos em espaços públicos, em cafés. Era muito caro para cada família ter sua própria TV, então se ia a um café.

A televisão estava fora da sua esfera individual, estava na esfera coletiva. Então, ela foi para dentro de casa, mas na sala de estar, ainda assim em um espaço social. Até que a televisão começou a ser barata e passou a estar presente também no quarto dos pais e dos filhos, cada indivíduo tendo a sua. Logo após, a televisão começa a caber dentro do bolso, e pode estar em qualquer lugar. Eu acabo de ver umas telas que podem ser colocadas basicamente anexas ao corpo. Assim, a tecnologia é incorporada no corpo humano, e é incorporada no ambiente físico de várias formas diferentes.

Nota:

1 - Mestranda em Comunicação Social - PUCRS.
Email: anacecilianunes@hotmail.com